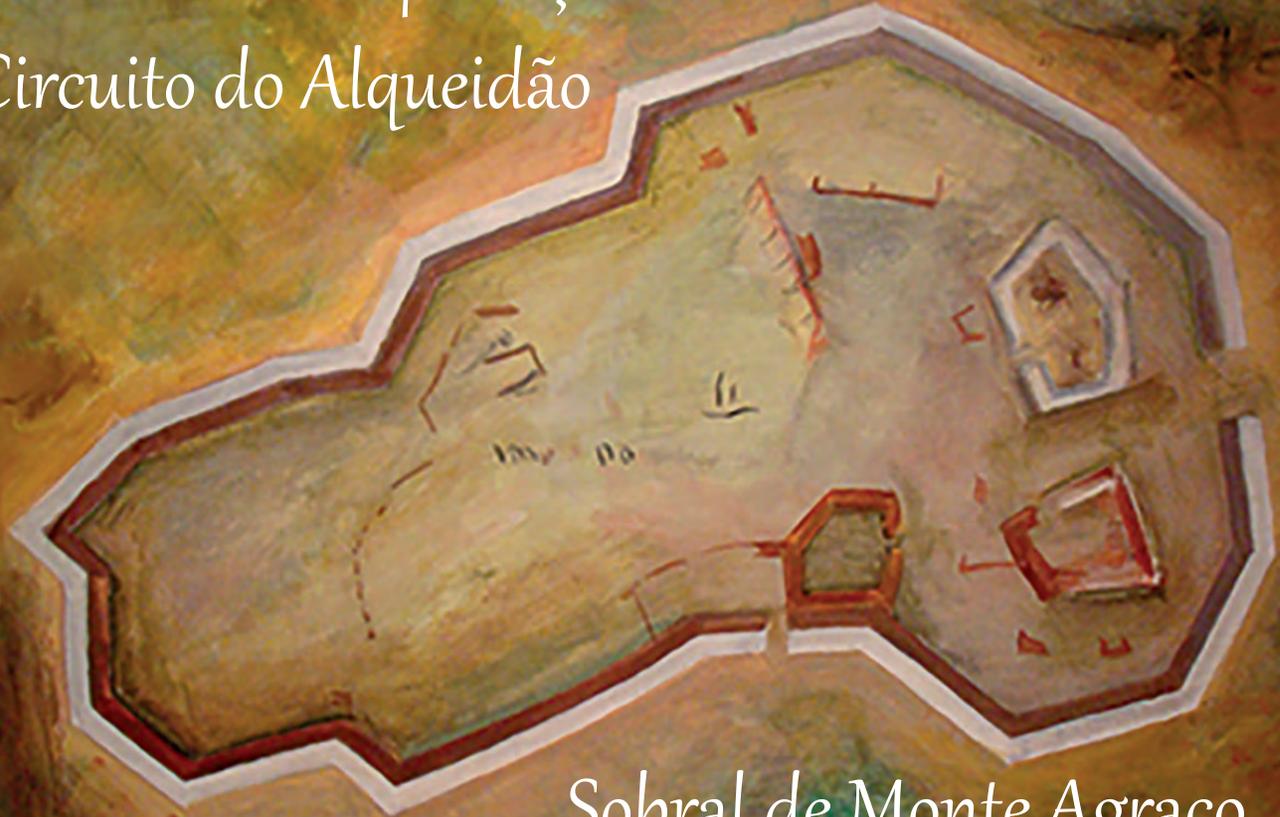


Centro de Interpretação das Linhas de Torres
Circuito do Alqueidão



Sobral de Monte Agraço

“Forte do Alqueidão, Centro de Estratégia Militar”.
Pintura de Maria José Cadete





CILT

O Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT) é um espaço museológico que tem como objetivo salvaguardar, estudar e promover o património das Linhas de Torres enquanto sistema de defesa militar que ditou a derradeira retirada do exército napoleónico de Portugal naquela que ficou conhecida como a 3.ª invasão francesa - um dos episódios mais marcantes da Guerra Peninsular.

Situa-se no centro histórico da vila de Sobral de Monte Agraço, outrora, palco de um dos mais expressivos combates entre as tropas aliadas (portuguesas e inglesas) e as tropas francesas – o combate de Sobral.

O CILT participa ativamente na gestão da Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT) e na sua dependência direta está o Circuito de Visita do Alqueidão.

O espaço integra uma exposição que é um convite a conhecer acontecimentos, personagens, sítios e edifícios que marcaram a vivência da região de Sobral de Monte Agraço na época conturbada das invasões francesas.



CILT | Exposição

O objetivo da exposição é divulgar o papel determinante das estruturas militares das Linhas de Torres no travar do ímpeto das tropas napoleónicas. A população não hesitou em sacrificar bens e haveres perante as ordens dos aliados ingleses. Construíram um sistema defensivo: escavaram fossos, levantaram muralhas, destruíram pontes, cortaram estradas e criaram todo o tipo de obstáculos à progressão das tropas francesas.

O percurso expositivo tem início com um pequeno filme documental que pretende situar o visitante na época histórica com referências à chegada de Napoleão ao poder, aos planos de conquista da Europa, à rivalidade hegemónica com Inglaterra e ao contexto em que Portugal surge nesta disputa, sendo o seu território invadido e as suas gentes subjugadas por uma força estrangeira.

Ao longo da exposição contam-se histórias de 1810 num local que teve a maior expressão no período em que o inimigo assediou as Linhas de Torres - o sistema de fortificações de campanha mais eficaz da História Europeia.



CILT | As Linhas de Torres

As Linhas de Torres foram um sistema militar defensivo erguido a norte de Lisboa, entre 1809 e 1810. No mais profundo secretismo, o futuro duque de Wellington, acompanhado pelo seu engenheiro principal, o Coronel Fletcher, por generais dos exércitos britânico e português e pelos mapas do Major Neves da Costa, concebeu uma estratégia de defesa que consistiu em fortificar pontos colocados no topo de colinas, controlando os caminhos para a capital do Reino e reforçando os obstáculos naturais do terreno. As obras de defesa estavam distribuídas ao longo de três linhas que se estendiam entre o oceano Atlântico e o rio Tejo.

Quando concluídas, as Linhas de Torres prolongavam-se por mais de 85 km, contavam com 152 obras militares, armadas com 600 peças de artilharia e defendidas por cerca de 140 000 homens.

Nas “Memórias Francesas sobre a 3.ª Invasão”, o coronel Noël escreveu *Julgávamo-nos vitoriosos, pensávamos ter chegado ao fim de uma campanha gloriosa e alcançar os nossos aquartelamentos de inverno na capital de Portugal, mas temos de o passar num país devastado (...) junto a estas terríveis Linhas, sobre cuja solidez não podemos iludir-nos (...). O general-chefe decide-se a deslocar o exército para trás (...).*



CIRCUITO DO ALQUEIDÃO



Circuito de visita ao ar livre, situado na serra do Olmeiro, dista 5 km a sul da vila de Sobral de Monte Agraço e do Centro de Interpretação das Linhas de Torres. Integra um conjunto de trilhos que ligam entre si quatro fortes da 1.ª Linha de Defesa de Lisboa (Fortes do Alqueidão, Machado, Novo e Simplício), construídos entre 1809-10, com a principal missão de proteger a capital da invasão do exército francês.

Os Fortes do Circuito do Alqueidão pela sua posição no terreno assumiram uma importância estratégica fundamental nos planos de Wellington. Toda a estrutura defensiva seria comprometida caso o inimigo ultrapassasse as defesas do Monte Agraço, pois os itinerários interiores da Península de Lisboa e o corredor do rio Tejo ficariam acessíveis. O comandante inglês percebeu o perigo e criou um grande dispositivo tático de defesa na serra do Olmeiro. Na retaguarda fixou o seu quartel-general e fez da Vila de Sobral um posto avançado, abandonado com a chegada das tropas francesas por se situar muito a norte da linha defensiva.

Ao observar a posição do Alqueidão, o marechal Massena recusou-se a fazer qualquer ataque a uma encosta tão formidável.

O Circuito do Alqueidão oferece um roteiro num património arqueológico, militar e paisagístico bem preservado e é um ponto de partida para a descoberta de outros locais bafejados pela natureza e pela história da nação e da Europa, entre amigos ou em família.

Circuito do Alqueidão



O FORTE DO ALQUEIDÃO surge envolto numa paisagem imensa que se estende do rio Tejo ao oceano Atlântico, marcada pela serra do Socorro, pela área protegida da serra de Montejunto e pela capital – Lisboa.

A 439 metros de altitude é um invulgar observatório do território que reúne, em diversas perspetivas, o rio, o mar, a lezíria ribatejana, os montes e os vales que rasgam a região.

Com uma área de 35 000 m², é o ponto mais alto das Linhas de Torres, situa-se no centro da 1.ª Linha de Defesa e é o coração de um conjunto fortificado único na Europa.

Sir William Napier descreveu-o do seguinte modo: *Esta majestosa montanha sobrelevava-se de tal maneira, que do seu cume se podia avistar toda a primeira linha. A direita estava separada da posição de Arruda por uma profunda ravina; a esquerda abrangia a aldeia e o vale da Zibreira e o centro inclinava-se sobre a vila de Sobral. O cume da montanha estava coroado por um imenso reduto destinado a 1 600 homens, armado com 25 peças de artilharia e contendo três pequenas fortificações com 19 peças de artilharia, agrupadas à sua volta. A guarnição total atingia os 2 000 homens.*

Wellington fez dele o seu posto de comando por excelência - o único ponto guarnecido com “tropa regular”, constituída pela brigada do general Pack e pelas duas Companhias de Artilharia da Vila de Sobral, excepcionalmente criadas pelo marechal Beresford.

Circuito do Alqueidão | Forte do Alqueidão

FORTE DO ALQUEIDÃO

Obra Militar n.º 14



GPS: 38°59'13, 472''N; 09°09'04, 427''W
Guarnição: 1590 homens
Bocas de Fogo: 27



Localizava-se no plano frontal, um pouco abaixo da cota intermédia da encosta da Serra do Olmeiro e fechava a sua coroa juntamente com os fortes do Alqueidão, Trinta e Simplício. A sua missão era opor-se a possíveis ataques do inimigo com vista a assaltar o Grande Reduto do Alqueidão.

Batia, pela frente, o terreno de acesso à coroa da serra pelo lado de Casais e pela esquerda batia os terrenos de Baço, Alcareia, Camondes e Arcos. Tinha capacidade para bombardear alvos a curtas, médias e longas distâncias, fazendo tiro em profundidade.

O Forte do Machado e os outros fortes auxiliares do Forte do Alqueidão tiveram um efeito absolutamente dissuasor para as tropas francesas. O ajudante-de-campo do marechal Massena, Jean-Jacques Pelet, escreveu no seu diário este desabafo: *Ao chegar a Sobral, em vez de um planalto acessível, vimos montanhas escarpadas e íngremes e ravinas profundas, uma estrada de passagem com pouca largura e, em cada lado, paredes de pedra, com tudo o que se parecia com fortificações guarnecidas por artilharia; estava claramente demonstrado que não podíamos atacar as Linhas.*

Circuito do Alqueidão | Forte do Machado

FORTE DO MACHADO

Obra Militar n.º 15



GPS: 38°58'56,614"N; 09°09'17,404"W
Guarnição: 460 homens
Bocas de Fogo: 7



O Forte do Simplício era um forte avançado que, em conjunto com os Fortes do Alqueidão, do Machado e do Trinta (n.ºs 14, 15 e 16), fechava a coroa da serra do Olmeiro. Batia, pela frente, a estrada real para Lisboa (Sobral-Bucelas) e as estradas militares para a Louriceira de Baixo e para a Carvalha.

À esquerda, cruzava fogos com o Forte do Alqueidão. Para apoiarem estes fortes muitos caminhos já existentes foram transformados em estradas militares.

No Forte do Simplício, a cidade de Lisboa ou o Palácio da Pena (Sintra) mostram-se, inesperadamente, próximos.

A reforçar a defesa dos Fortes das Linhas de Torres foram desenvolvidos um conjunto de trabalhos subsidiários.

No exterior das obras militares foram colocados abatases e, atrás destes, escavadas covas de lobo.

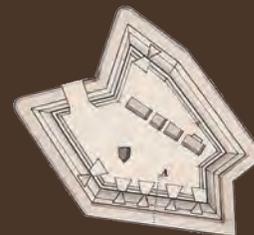
O abate de centenas de árvores (pinheiros e oliveiras), num raio de 6 km, aumentou o raio de ação do tiro da artilharia e deu uma ideia de inexpugnabilidade que impressionou e desmoralizou o atacante.

Vários obstáculos foram construídos no terreno para dificultar o progresso das tropas francesas.

Circuito do Alqueidão | Forte do Simplício

FORTE DO SIMPLÍCIO

Obra Militar n.º 17



GPS: 38°59'01,923"N; 09°09'05,403"W
Guarnição: 300 homens
Bocas de Fogo: 6



Situado no cabeço dos Galhofos, sobre a estrada real de Sobral de Monte Agraço, foi uma obra avançada, à direita do Forte do Alqueidão. O objetivo foi reforçar a defesa da serra do Olmeiro batendo os terrenos que ficavam mais a coberto das fortificações da coroa. Dominava, pela direita, o terreno de Santo Quintino, pela frente e pela esquerda batia de enfiada alguns pontos da estrada real e o vale da Arcela, Chancos e Seramena.

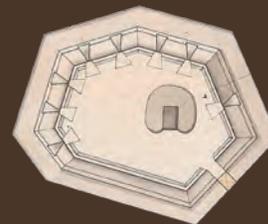
O moinho de vento que aí se encontra, embora um dos exemplares de maior dimensão da região oeste, é uma construção do início do século XX, mas o extraordinário panorama que exibe é intemporal, transformando este local num magnífico posto avançado de observação que avista todo o vale que segue de Sobral para Arruda dos Vinhos, o Tejo (junto ao Carregado, Vila Franca e Alhandra) e outros Fortes da 1.ª Linha .

Além dos Fortes do Circuito do Alqueidão, existem no concelho outras obras militares que integraram o centro da linha defensiva em 1810: o Forte do Moinho do Céu (obra militar n.º 11); o Forte da Caneira (obra militar n.º 13); o reduto da Patameira (obra militar n.º 151) e as baterias do Pé do Monte (11a e 11b), do Vale da Patameira (151a, 151b e 151c) e da Zibreira da Fé (16a e 16b).

Circuito do Alqueidão | Forte Novo

FORTE NOVO

Obra Militar n.º 152



GPS: 38°59'34, 680''N; 09°08'46, 744''W
Guarnição: 250 homens
Bocas de Fogo: 5



A estrada militar do Forte do Alqueidão é um exemplo de centenas de quilómetros de estradas que foram construídas entre 1809 e 1811, entre o mar e o rio Tejo, ao longo das cristas das serras, nas contraencostas dos montes, de forma a não serem vistas pelo inimigo. Ela faz parte de uma rede viária alternativa às vias principais existentes que garantiam a circulação rápida de tropas, municações e de mensageiros, com o sigilo necessário ao sucesso das operações. Por aqui passaram carros de bois carregados com fardamentos, alimentos, feridos e material cirúrgico, o peso da artilharia que por aqui rolava lentamente e o frenesim das tropas que, num profundo secretismo, se moviam entre fortes.

Esta estrada militar foi, diversas vezes, percorrida pelo comandante inglês, Wellington, quando se dirigia ao Forte do Alqueidão, pela madrugada, para observar as posições do inimigo.

Está localizada no lado sul da serra do Olmeiro e foi pavimentada por blocos de pedra cravados no terreno argiloso.

Assegurava a comunicação do Forte do Alqueidão com os Fortes do Machado, do Simplício e do Trinta e com uma rede de outras estradas que ligavam os Fortes das duas primeiras Linhas entre si e à cidade de Lisboa.

Circuito do Alqueidão | Estrada Militar

ESTRADA MILITAR

GPS: 38°59'09, 290''N; 09°08'55, 620''W





CONTACTOS

Centro de Interpretação das Linhas de Torres
Sobral de Monte Agraço (CILT)
Praça Dr. Eugénio Dias, 12
2590-016 Sobral de Monte Agraço

GPS: 39°01'07, 134''N; 09°09'05, 520''W

Telefone (+351) 261 942 296
E-mail: cilt@cm-sobral.pt
Website: www.cilt.pt

HORÁRIO

Terça-feira a domingo
10h30 - 13h00 e 14h00 - 18h30

Encerra à segunda-feira e feriados

GRATUITO

Menores de 12 anos
1º domingo do mês
Dia Internacional dos Museus
Investigadores
Jornalistas
Profissionais de turismo
Professores
Alunos



